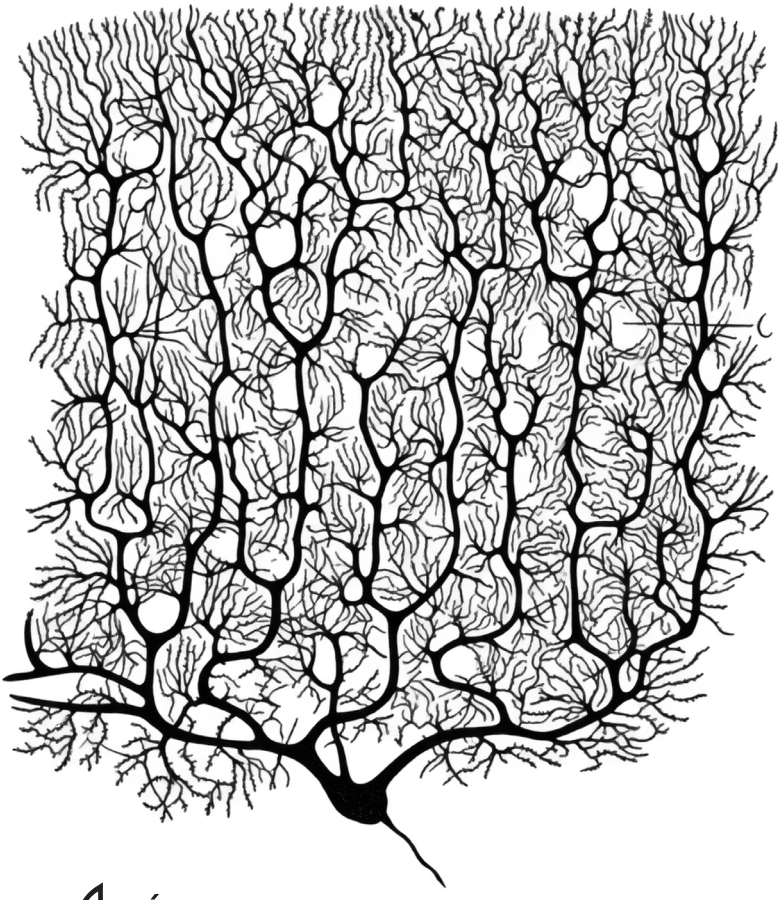
EFIGÊNIO MOURA

B U R E L A



ATRAVÉS
editora

ATRAVÉS 53
das letras

BURELA

1ª edição: outubro 2026

© Efigênio Moura
© 2026 AGAL

Associaçom Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-10491-16-8
Depósito legal: C 1885-2026

Coordenação editorial: Valentim R. Fagim e José João R. Rodrigues
Revisão linguística: Bernardo Penabade
Diagramação: Miguel Durão
Capa: Charo Lopes e Miguel Durão

Desenho da capa de Santiago Ramón y Cajal: *Célula de Purkinje de cerebelo humano*

Impresso na Galiza: Sacauntos Coop. Gráfica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

ÍNDICE

Nota de abertura | 11

A marca | 13

O baixio | 29

As raízes | 45

A pedra do ancoradouro | 61

A garça | 77

Os desígnios | 99

A maré | 115

As águas fundas | 139

As asas | 157

Ledícia | 181

Para Paula Adriana Moura.

A José Maria Duarte Moura e Márcia Andréa Moura.
O tempo não passa.

NOTA DE ABERTURA

A doença de Huntington é real. Hereditária, incurável**,** progressiva.

Cada filho de uma pessoa afetada carrega cinquenta por cento de probabilidade de herdar a mesma doença genética. Os sintomas chegam quando a vida adulta já foi construída, quando há escolhas feitas, amores estabelecidos, futuros imaginados. É então que o corpo começa a trair o que a mente ainda quer. Este romance existe para que essa realidade ganhe também um rosto, uma voz e**,** aqui, um nome: Sabela.

Mas nenhuma história é feita só de dor. Há os que permanecem, em silêncio ou em luta aberta, os que apertam os laços para que a vida não se perca de vez: familiares, cuidadores, pesquisadores, amigos que escolhem cuidar. Eles também fazem parte desta história.

No Brasil, esse cuidado tem nome e endereço: Associação Brasil Huntington. Na Espanha, a Asociación Corea de Huntington Española mantem esse fio estendido por todo o país; e na Galiza, ele se aproxima ainda mais na Asociación Huntington Galicia.

Em todos esses lugares, e em muitos outros pelo mundo, famílias encontram orientação, escuta e, sobretudo, o reconhecimento de não estarem sozinhos.

Se você chegou até esse livro conhecendo de perto o que a família e os amigos de Sabela conhecem, saiba que essas portas existem e estão abertas.

O autor

A MARCA

Não escolhi a marca.
Escolhi o silêncio.
São coisas distintas, que confundi durante tantos anos.

Sabela

A MAROSA

Tinhas o cabelo molhado.

Sorria daquela maneira que as pessoas têm quando não sabem que estão sendo observadas. A naturalidade. O espontâneo é o que vale, não é?

O mundo antes desse momento e o mundo depois desse momento são dois estranhos. Não é como uma pedra que cai ao mar profundo, onde não há maneira de desfazer o som que fez ao cair, não há maneira nenhuma. Há como explicar isso a quem não viveu?

Tinha poucos anos. Tínhamos poucos anos.

E o mar estava ali, quieto e feito, indo e vindo fingindo que não tinha visto nada.
E o caminho de ferro levava sempre para algum lugar, depois trazia.

Nunca era tu.
Nem uma vez vinhas.

A MARCA

Há gente que nasce sabendo o que é. Eu não era dessa gente.

Fui aprendendo pelo caminho, tropeçando nas palavras que não tinha, nas perguntas que não fazia, nas respostas que chegavam de lado quando eu não tinha perguntado nada. A minha mãe dizia que eu era estranha. Apressava-se reparando as palavras como quem disse uma coisa que não devia.

Estranha, de diferente. O que na boca dela era quase o mesmo.

Se me perguntassem a cor que escolhi para a minha vida, não diria rosa nem azul.
Diria creme.

Não era a cor que esperavam. O rosa era o que as moças de Burela deviam querer, a cor do comum, do que apetece a quem não tem fome de outra coisa. O azul era o mar, era o horizonte, era o céu que todos desejavam. O creme não era de nenhum desses mundos.

Era a cor da luz do verão. A terra seca das quintas em agosto. O papel velho dos livros da biblioteca da escola, aquele amarelecido, cheirando a tempo, resistência. Cor de biscoito de leite.

O comum era muito comum. Não me apetecia. Não me dava fome nem sono.

Em Burela há uma nave no porto onde as redeiras trabalham.

Mulheres com as mãos grandes e os dedos pacientes, consertando redes nó a nó durante horas. Eu ficava olhando para elas e não entendia a ciência daquilo, saber onde a rede rasgou sem desfazê-la inteira, saber que fio puxar, saber que há buracos que fazem parte da estrutura. Que, se os fechares à força, perdes a rede.

Demorei muitos anos percebendo que era assim a minha vida.
Que a rede não estava estragada. Que era eu que não sabia lê-la.

O meu céu é creme.
Sempre foi.
A vida e a morte também.

Doce de leite, um fio bem ralinho.

O PORTO

O porto de Burela cheira a sal e a motor. Vozes em três, quatro línguas, uma pequena babel. A fala do porto é universal: o mar.

O meu pai chegava sempre ao lusco-fusco. Ouvia-o antes de o ver, o portão da Rua de Castrelo rangendo, os passos pesados no jardim, o cheiro de gasóleo e escama que entrava com ele. Comia em silêncio. Dormia rápido. Era homem de muito, só que o muito ficava todo no mar.

Às vezes deixava-me ver as iscas.

Pequenas figuras de borracha em forma de polvo, vermelhas, cor de laranja, amarelas, que pendiam das linhas de náilon nas varas de eucalipto vermelho. Quando usava comigo, eram feitas com palha de milho e fitas coloridas. Dizia que havia uma arte naquilo, que cada pescador fazia as suas iscas à sua maneira, que o bonito era exigente. Perguntei-lhe uma vez se o bonito sabia que era borracha.

Disse que sabia.

Fiquei pensando nisso durante anos, a ideia de saber que uma coisa não é real e ir mesmo assim. De ter fome suficiente para isso. De haver dias em que o bom senso fica em terra e o barco sai de qualquer maneira.
Só mais tarde percebi que estava falando de mim.

Ele vinha cansado.
Minha nena esperava.

Sentava-se na cadeira junto à janela com as mãos no colo e um sorriso que nascia naquele momento e que aumentava quando ele chegava. Minha mãe era uma mulher que aprendeu a não pedir, por isso pouco dava.

Aprendi com ela a esperar. Aprendi tão bem que passei a vida à espera de algo que nunca pedi e que, por isso, talvez nunca veio.

Havia duas formas de viver naquela casa: a do meu pai, que era o mar; e a da minha mãe, que era a espera do mar. Eu não cabia em nenhuma das duas. Ficava na janela a olhar para a praia do Portelo ao longe e pensava que algures havia uma outra forma de viver.

Quando meu pai entrava em casa, minha mãe punha a mesa. Aquecia a janta.

Meu coração achava bom.

XOANA

A mãe dela entrou sem bater.

Não houve tempo de nada. De nos separarmos, de inventar uma história, de respirar. Estava lá, no vão da porta, com uma cara que eu na hora não soube ler, décadas depois, com a memória já partida aos pedaços, não saberia responder.
A mãe dela confirmava uma suspeita e precisava de ver para crer.

Viu. Não disse nada. Saiu.

Ficamos no quarto sem nos olhar durante um tempo, acanhadas, julgadas, depois disseste para eu ir embora.

Tive que ir. Nenhum freixo insiste para que as folhas fiquem.

Eu fiquei com o cheiro do teu cabelo no ar e a sensação de que alguma coisa que estava começando tinha acabado antes de saber o que era.

Minto. Não foi a primeira vez.

Houve a Praia da Areoura algumas vezes, o litoral deserto, as rochas que escondiam o que não podia ser visto, as tuas mãos que sabiam o que faziam mesmo quando a tua boca falava em inocência. Houve palavras ditas em voz baixa que o mar de águas batidas levou e que eu ainda ouço.

E houve uma noite na minha cama.
A última. Preciso me lembrar melhor dessas vezes.

No dia seguinte, casavas com Ángel.

O teu nome tem cinco letras e é a última coisa que me vão apagar.

O CANTÁBRICO

O mar não faz cedências.
Pune os indecisos, engole os covardes, cospe os que não lhe servem e também não aponta culpados, e é isso que falta a quem vive longe dele: determinação.

Em Burela, todos sabem de todos. O que não sabem... inventam. O que inventam repetem até ficar com cara de verdade. 'Dixo-me-dixo-me', chamava-lhe a minha mãe. Berra pouco, que a casa é baixa, dizia-se e a cidade inteira era essa casa baixa, com paredes, frestas e portas entreabertas e que deixavam passar tudo.

Onde tu vivias, na Rua Beira Mar, havia sempre alguém à janela.

No leilão às sextas, o peixe era o pretexto, o que se trocava de verdade eram as vidas dos outros. No bar, os velhos marinheiros guardavam a memória de Burela como quem guarda isca: para usar na hora certa. E em junho, quando a procissão da Virgem do Carmen descia com os enfeites de flores até ao porto, eu via a vila inteira junta e pensava que não havia lugar mais bonito nem mais apertado do mundo.

Uma vez, na Praia da Areoura, íamos de mãos dadas.

Foi um descuido. O descuido de quem, por um momento, esqueceu que o mundo tem olhos. Alguém chamou Amaro pelo nome antes que ele chegasse ao lugar onde estávamos. Nunca soube quem foi. Sou-lhe grata até hoje.

Anos de cuidado. Tantos anos sabendo onde pôr os pés.

E, mesmo assim, alguém sempre viu alguma coisa.

O Cantábrico emudecido, que é mais do que se pode dizer de Burela.

A SOLIDÃO DE SER APONTADO

Ia à missa todos os domingos com a minha mãe.

O padre Fulgêncio, tinha sermões duros, como se tivesse chegado de Castela.

Eu ouvia, sentada no banco de madeira, com as mãos no colo, e pensava: é de mim que está falando. Não sabia ao certo o quê. Sabia que era eu. O incenso subia. A luz entrava pela janela alta. E eu ali, com Deus sabendo tudo, e eu ainda sem palavras para o dizer. Culpa?

Às vezes, depois da missa, ficava à porta vendo as famílias saírem. A ordem do mundo disposta em pares, como se tivesse sido feita à régua, uma arca de Noé. Padre Fulgêncio despedia-se de cada um com a mão estendida e os olhos que avaliavam tudo.

Quando chegava a minha vez, a mão era a mesma. Os olhos eram outros.

Eu sabia que ele sabia. Não tudo. Mas parte.

Depois do quarto de Xoana, depois da mãe dela que entrou sem bater, o medo me fez acreditar que algo mudou na vila sem que ninguém dissesse nada. Em Burela nunca há palavras, há gestos. Há uma família que começa a receber visitas de pessoas com nomes ligados ao comércio. Há uma data marcada numa sacristia. Há o Fulgêncio, falador como poucos, que sabe de segredos alheios como os pescadores sabem do tempo: pelo ar, por uma pressão que não se explica, mas que não falha.

À noite, antes de dormir, eu construía mundos.

Imagino como seria morar contigo. Partilhar um quarto, de outra maneira que eu não tinha palavra para dizer, ou tinha, mas que não

precisava. A tua mão tocando a minha no escuro. O teu nome dito de uma forma que só eu saberia reconhecer. Construí uma vida inteira dentro da cabeça e que nunca existiu fora dela.

Às vezes ia até à beira do Cantábrico de noite, quando não havia ninguém. Ficava olhando para o mar e dava-lhe tudo o que não podia dar a ti: o degoiro. A raiva de não poder. A vergonha de desejar sem poder parar. O grito. A dor. A solidão.

O mar recebia tudo sem perguntar.

Era o único.

O QUE FICA

Soube do casamento por uma vizinha.

Uma mulher parou na rua com uma cesta de compras e disse, sem a intenção de fincar uma faca cega, que Xoana tinha casado com Ángel do Armazém do Porto, que formariam uma família bonita. E foi-se embora com a cesta e com a conversa e deixou-me ali parada na rua com a faca, sem eu saber como tirá-la de mim.

O meu pai foi primeiro.

A minha mãe ficou na cadeira junto à janela, com as mãos no colo e um ar de quem chegou ao fim de uma frase que estava escrevendo há muitos anos e que sabia que ia acabar assim. Durou mais uns anos, como se, depois de ele ir, não houvesse razão suficiente para continuar. Numa manhã de inverno, o coração cansou de esperar e parou de fazer barulhinho.

A casa ficou para mim.
O barco ancorado. Eu fiquei.

Trabalhei tantos anos na loja. Ouvia o preço do peixe como quem ouve o próprio coração, a pescada do pincho, o bonito em agosto, o peixe-espada nas boas temporadas.
Amaro aparecia de vez em quando com peixe fresco, ficava um bocado, voltava. Eu sabia o que era aquilo. Não era crueldade não lhe dar o que pedia sem palavras.
Era simplesmente impossível. Estas coisas são impossíveis ou não são, não há meio-termo que valha.

Quando a mão esquerda começou a não sossegar, os dedos a se inquietarem em demasia, fui ao Hospital da Marinha. Depois, quando as palavras começaram a falhar, acrescentaram outra palavra longa.